

DA VILA AO SERTÃO: os mamelucos como agentes da colonização *

Ronald Raminelli **

RESUMO: Nos primeiros anos da colonização do Brasil, os mamelucos foram os intermediários entre os portugueses e os índios, auxiliando no agenciamento de mão-de-obra indígena necessária aos empreendimentos coloniais. Ao deslocarem os nativos do sertão para os engenhos, eles infringiram regras da Cristandade, pois no sertão viviam ao modo gentílico: pintando corpo, tendo várias mulheres e participando de rituais antropofágicos. No entanto, nas vilas viviam como cristãos. A especificidade cultural dos mamelucos é o tema principal deste artigo.

PALAVRAS-CHAVE: mamelucos, jesuítas, cristãos, colonização, indígenas.

Os jesuítas desembarcaram na Colônia com a árdua tarefa de levar a ortodoxia aos habitantes da terra recém descoberta. Os nativos e portugueses seriam, a partir de então, vigiados e conduzidos pelos religiosos da Companhia de Jesus. Outras Ordens também freqüentaram paragens inóspitas do litoral brasileiro, mas nenhum representante do clero foi tão afamado quanto os jesuítas Anchieta e Nóbrega. A missão destes religiosos nos trópicos era servir como intermediários entre os brancos colonizadores e os nativos, levando "a palavra do Senhor" a seres até então inexistentes no universo mental europeu. Deste modo, a colonização portuguesa se fazia em dois âmbitos: domínio sobre o território e concomitante exploração econômica; difusão da ortodoxia e alargamento das fronteiras da Cristandade. Imbuídos pela fé na conversão do gentio, os padres se uniam às tribos indígenas, aprendiam a língua nativa e por meio de símbolos precários ensinavam a história do Salvador que veio ao mundo libertar os homens dos assédios diabólicos e da danação. Em outras oportunidades, os mesmos discípulos de

* O artigo originou-se da minha dissertação de mestrado "Tempo de Visitações", defendida na USP em 1990, sendo o estudo financiado pela FAPESP e orientado pela Prof. Dr. Laura de Mello e Souza. Contudo, a versão atual é inédita e contou com o apoio da Capes no que se refere à pesquisa no Arquivo Nacional da Torre do Tombo (ANTT)- Lisboa.

** Doutorando pelo Departamento de História da USP e Professor do Departamento História da UFPR.

Loyola auxiliavam os brancos na transferência de cativos de guerra para áreas pacificadas, criando aldeias cuja função era suprir as necessidades de mão-de-obra dos primeiros empreendimentos agrícolas em terras brasileiras¹.

Nos aldeamentos, o gentio recebia noções básicas da tradição católica, conheciam passagens bíblicas, os significados da virgindade de Maria, da paixão e ressurreição de Cristo, da Trindade, o simbolismo da hóstia e da missa. Nas Visitações do Santo Offício, há fortes indícios dos contatos culturais travados entre os índios e brancos. A mesma, no entanto, nem sempre era entendida com fidelidade pelos homens da terra. Na verdade, nem mesmo o branco europeu se habituara às reflexões teológicas presentes nos catecismos. Assim sendo, os nativos e mestiços mesclaram, repetidas vezes, as lições ouvidas durante a catequese à tradição ameríndia, originando crenças e práticas religiosas capazes de fornecer subsídios para um estudo destinado a refletir sobre a relação colonizado e colonizador. Particularmente, no que se refere à atuação dos mamelucos como intermediários culturais entre os índios do sertão e os engenhos do litoral.

1 – Os frágeis limites entre o cristão e o gentio

Os padres da Companhia, residentes na Terra da Santa Cruz, davam suas vidas para fazer do gentio um cristão, enquanto os apelos do meio e da tradição conduziam os mesmos para além das fronteiras da Cristandade, induzindo-os a costumes próprios de sua raça. Porém, os curumins criados junto aos aldeamentos, sob os olhares dos religiosos, dificilmente se tornaram homens semelhantes aos seus antepassados. Por mais que a tradição do seu povo e a floresta os tornasse "selvagens", eles ainda lembravam de alguns dos ensinamentos ministrados pelos padres, mesmo que os tivessem memorizado de modo deturpado. Um índio cristão chamado Antônio viveu anos em Tinharé, na casa dos jesuítas. Na oportunidade, conheceu parte da tradição católica que o auxiliou na condução de um importante movimento messiânico ocorrido no recôncavo baiano, durante a segunda metade do século XVI. A Santidade do Jaguaripe, "criada" por Antônio reunia elementos da cultura indígena e outros tantos do cristianismo.

Os carámbas, ou profetas da selva, eram recorrentes entre as tribos indígenas da América do Sul. Vários relatos demonstram a capacidade destes

1 Cf. NEVES, L. F. Baeta. *O Combate dos soldados de Cristo na terra dos Papagaios*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1978.

xamãs em atrair tribos inteiras, guiando-as sob o signo do messianismo. Depois dos primeiros contatos travados entre nativos e europeus, um caraba recorreu, como Antônio, ao cristianismo. Um deles afirmou aos nativos que era parente dos padres e havia morrido e ressuscitado. Enquanto um outro da Capitania do Espírito Santo jurava ser filho de Deus e da Virgem Maria e que fugira de Portugal para não ser crucificado². A Santidade do Jaguaripe, no entanto, segue os preceitos cristãos em outros aspectos. Cria uma hierarquia celestial, onde existiam índios denominados Filho de Deus, Mãe de Deus, ou Santa Maria, santos, santas, Papa, bispos, vigários e sacristãos. Usavam rosários e livros feitos de madeira, contendo caracteres desconhecidos. Os índios se reuniam em uma casa denominada de igreja; lá existia um ídolo de pau com feições indígenas, "com cabelo ao modo gentio e a ele chamavam" de Deus. No interior do templo construíram uma pia batismal na qual os índios "se batizavam uns aos outros e uma pia com água benta com seu hissope e um altar com castiçais de pau com certas letras escritas por que eles ao seu modo liam". Havia também uma espécie de confessionário onde nativos proferiam sons ininteligíveis aos brancos³.

A Abusão do Jaguaripe não era composta apenas de sincretismos, representava, igualmente, a resistência dos silvícolas frente aos avanços da colonização. Neste sentido, as idéias messiânicas proferidas pelo "Papa nativo" revelam os conflitos existentes entre colonizadores e o gentio. Silvestre, índio cristão, participou da Santidade, cultuou seus ídolos, dizendo em público "que eles índios haviam de ficar senhores dos brancos e os brancos seus escravos", conforme contou um denunciador⁴. Luíza Barbosa, em denúncia, narrou que os índios seguiam um Deus cuja pregação era contra o trabalho, pois os mantimentos por si só cresciam⁵. O Senhor supremo do gentio também prometia soltá-los do cativeiro e em seguida transformaria os cristãos em escravos. "Vinha já o seu Deus a livrá-lo do cativeiro em que estavam e fazê-los senhores da gente branca e que os brancos haveriam de ficar seus cativos"⁶. Enfim, as pregações do índio Antônio se voltavam contra a escravidão do nativo que impeliavam os irmãos a trabalhar muito além do suportável.

2 CALASANS, J. *A Santidade de Jaguaripe*. Bahia, 1952. pp. 7-8.

3 Primeira Visitação do Santo Officio às partes do Brasil pelo Licenciado Heitor Furtado de Mendonça - Denúncias da Bahia - 1591-1593. Introdução de Capistrano de Abreu. São Paulo: Ed. Paulo Prado 1925 (db) p. 165 e 473.

4 db. p. 454.

5 Primeir Visitação do Santo Officio às partes do Brasil pelo Licenciado Heitor Furtado de Mendonça - Confissões da Bahia - 1591-1592. Prefácio de Capistrano de Abreu. Rio de Janeiro: F. Briguiet, 1935, (cb) p. 65.

6 Idem p. 87.

A contrapartida para o massacre perpetrado pelos brancos seria transformá-los em escravos. A partir da inversão, os índios seriam livres como os seus antepassados.

Os carábas exerciam sobre as tribos um poder considerável. Thévet, Nóbrega e Anchieta foram testemunho atônitos da ascensão destes profetas junto aos índios, pois os movimentos se mostravam eficientes contra a propaganda missionária. Entre os lupi-guaranis, os xamãs eram depositários do sistema de crença e valores próprios do grupo, fiéis protetores de seus deuses e guardiões da lei. Aliás, seus discursos possuíam a função de reforçar a unidade tribal, a tradição e lutar contra os possíveis agentes contrários à perpetuação das leis divinas⁷. Na Santidade do Jaguaripe o xamã não travou luta contra um chefe usurpador ou contra a centralização de uma comunidade destituída de poder único. O embate se realizou contra os brancos e a escravidão implantada após o domínio das terras indígenas. Por isso, talvez, "o Papa nativo" não tenha recortido aos padrões culturais indígenas, para enfrentar o branco e sua religião, empregando sincretismos capazes de alimentar o movimento messiânico com a força ideológica presente na colonização portuguesa. Enfim, os fundamentos religiosos da expansão européia serviam à causa dos colonizados.

Alguns depoimentos registrados pelos inquisidores garantem que a "erroria" do Jaguaripe era transmitida pelos negros da terra. Luisa Barbosa, branca e cristã-velha, confessou diante da mesa do Visitador que os "negros brasílicos" da casa Dona Mécia Pereira e das residências de seu pai lhe contaram sobre a existência desta "abusão" e conseguiram persuadi-la a crer na mensagem propalada pelo "Papa". Assim, devido à sua pouca experiência (sic), acreditou, durante "um, ou dois meses pouco mais ou menos", na dita santidade parecendo lhe ser coisa certa verdadeira...⁸. O mameluco Gonçalo Fernandes também relatou, inquirido por Heitor Furtado de Mendonça, que um "brasil negro da terra foi o primeiro que o induziu pregando lhe pela língua gentia". Depois deste contato, Gonçalo passou a defender a origem divina do movimento, e assim disse: "era verdade aquela santidade e que vinha ser Deus". O mameluco não resistiu por muito tempo aos apelos messiânicos da "erroria" e logo se dirigiu ao sertão, a fim de se encontrar "com os principais mantenedores da dita idolatria"⁹.

7 CLASTRES, P. *A Sociedade Contra o Estado* (trad.) Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982, pp. 110-14.

8 *Idem*, p. 65.

9 *Idem* pp. 88-9.

2 – Mamelucos: entre o sertão e a vila

Os filhos dos conquistadores com "as negras da terra" também não aceitavam a dominação branca sem resistências. Muitos deles viveram boa parte de suas vidas ao lado dos parentes maternos e pouco conheciam os costumes dos "civilizados". A dualidade racial e cultural transformou os mamelucos em seres deslocados, nem índio, nem branco. Em várias oportunidades, exerciam, um papel de intermediários entre os colonizadores e os nativos, influenciando os últimos a trabalhar nas áreas agrícolas e engenhos. Contudo nem todos os mamelucos estavam satisfeitos com a cristianização empreendida pelos europeus, por isto não era raro encontrar mestiços contestando passagens bíblicas e lançando proposições contra a fé. Antônio Rodrigues, lavrador em Pernambuco, confessou a Heitor Furtado que não acreditava na existência de um mundo além deste, lançando dúvidas sobre a veracidade das Escrituras Sagradas¹⁰. O mameluco Lázaro Aranha era, segundo depoimentos, um dos indivíduos mais irreverentes da Colônia. Em certa ocasião, fugiu um escravo de propriedade do mestiço; a fim de recuperá-lo prometeu rezar uma missa em devoção a Santo Antônio. Depois de realizar a promessa logo o negro fugido apareceu. Lázaro então se lamentou de ter recorrido ao santo e disse: "que o velhaquinho de Santo Antônio era azivieiro que sabia muito que lhe não quisera deparar o negro senão depois que lhe prometera a missa..." O mesmo delator contou que Lázaro propalava a existência de vários deuses, "Deus dos cristãos e outro Deus dos mouros e outros dos gentios"¹¹ e diziam ainda que Mafoma era um dos deuses do mundo¹². O mestiço também zombava de rituais católicos. Em uma sexta-feira da quaresma se fez um cortejo no sertão; os penitentes levavam candeias e rezavam com muita devoção, enquanto o dito mameluco fazia zombarias e escandalizava a todos que o viam¹³. Os filhos de brancos com negras da terra não eram os únicos a contrariar os preceitos da ortodoxia.

Há casos de índios-cristãos que também lançavam dúvidas contra os dogmas, desacreditando das palavras proferidas pelos sacerdotes. Padre Fernão Cardim relatou em denúncia que o índio Fernão Ribeiro defendia a proposição de que "na comunhão não havia senão a Morte", aludindo as palavras dos clérigos durante a missa que relacionavam a hóstia ao corpo de Cristo¹⁴.

10 cp. p. 67.

11 db. pp. 350-1.

12 db. p. 283.

13 Idem p. 284.

14 Idem p. 328.

Os revezes da cristianização não se restringiam aos sincretismos e resistências; muitos mamelucos esqueceram temporariamente os preceitos da sociedade cristã e se embrenharam no sertão, vivendo como índios. O mameluco Manuel Branco, filho do francês Estevão Branco e da negra brasileira Bárbara Branca, viveu "per sua indústria de mestiço"; quando esteve no interior comeu carne na quaresma, deu armas aos índios e cometeu gentilidades¹⁵. Cristovão de Bulhões também confessou ter ido para o sertão com Tamacaúna; o último ordenou-o a viver tal como os índios, não respeitando as proibições da quaresma e dando armas aos gentios¹⁶. Gonçalo Fernandes, por sua vez, foi delatado por ter fugido para as terras gentias, e lá praticado idolatrias. Diante de Heitor Furtado de Mendonça, o mesmo confessou ter ingerido uma bebida feita de fumo até cair embriagado. Naquele líquido, contou o depoente, se encontrava o "espírito da santidade"¹⁷.

Em uma pesquisa sobre a religião dos Tupinambá, Alfred Métraux comentou sobre o costume deste grupo indígena de consumir uma bebida fermentada chamada "cauim". As bebedeiras se realizavam em determinadas ocasiões especiais da vida social e religiosa, como o nascimento de uma criança, na primeira menstruação de uma moça, na perfuração do lábio inferior do mancebo, nas cerimônias de preparação e retorno da guerra, no massacre ritual de prisioneiros ou nos trabalhos coletivos realizados na roça do chefe. Segundo Yves d'Évreux, a dita bebida era extraída de diferentes plantas, as mais apreciadas eram a mandioca doce ou amarga, o milho ou o caju. Não há referências de que a bebida consumida pelos Tupinambá fosse extraída do fumo, como afirmou o mameluco-Gonçalo Fernandes. No entanto, as propriedades inebriantes do líquido possuíam para os Tupinambá a mesma significação mística descrita pelo mameluco. Na verdade, a bebida promovia a coesão da tribo, pois quando se esgotava o "cauim", os índios saíam de cabana em cabana para compartilhar a bebida com os vizinhos que ainda a possuíam¹⁸.

Lázaro Cunha, por sua vez, não se contentou em beber e se embriagar com os silvícolas. O mestiço participou de guerras travadas entre os gentios. No campo de batalha, "ferrou" muitos inimigos, matou-os e "deu a comer aos gentios de cuja companhia ele andava". Lázaro ainda narrou que os indígenas ingeriam carne humana em "grandes festas, bailes e regozijos". O confitente

15 cb. p. 123.

16 Idem p. 136.

17 Idem p. 423 e cb. p. 87.

18 MÉTRAUX, Alfred. *A Religião dos Tupinambás*. (Trad.), 2, São Paulo: Edusp/Cia Ed. Nacional, 1979. pp. 171-74.

participava das comemorações, mas nunca acreditou nos feliceiros (sic), apesar de se comportar como se fosse crente,

e assim também juntava carne de porco com carne humana e comendo com os ditos gentios a humana cuidando eles que também a de porco que ele comia era humana¹⁹.

Alfred Métraux se preocupou em reunir vários relatos dedicados à antropofagia dos Tupinambá. O grupo indígena, esclareceu o estudioso, procurava capturar prisioneiros durante as guerras e os conduzia consigo amarrados por cordas que envolviam o corpo da vítima. O inimigo era levado à aldeia, onde esperava o momento de ser trucidado e ingerido pelos homens, mulheres e crianças da tribo. A intenção dos gentios era capturar os adversários vivos, pois o prisioneiro pertencia àquele que primeiro lhe tocasse. A ferocidade do combate nem sempre permitia a identificação daquele que teria a honra de conduzir a vítima à aldeia. Assim, resolviam amigavelmente a contenda, matando e dividindo o corpo do mesmo entre os componentes da expedição. Os feridos também eram esquartejados e consumidos no campo de combate. Os Tupinambá apenas se preocupavam em levar os órgãos genitais das mulheres e crianças, mortas durante a guerra, para serem preparados ao moquéu e servidos nas grandes festas como um repasto muito apreciado, sobretudo pelas velhas índias. Os prisioneiros levados para a aldeia poderiam viver anos entre os inimigos, mas um dia seriam sacrificados e oferecidos à tribo. As cerimônias preliminares à execução do último duravam cinco dias, que eram vividos com muitas festas e regados a "cauim". Depois de morto por golpes de tacape, o corpo da vítima era minuciosamente dividido, cabendo aos diferentes segmentos da tribo uma parte determinada da mesma²⁰. Assim, os relatos deixados por Thévet, Levy e outros permitem dizer que dificilmente os mamelucos não participaram das cerimônias antropofágicas, sobretudo aqueles que como Lázaro Cunha e Tamacaúna eram considerados bravos guerreiros, pois eram compelidos pelas comunidades indígenas a consumir partes do corpo humano.

Os mamelucos não eram os únicos a se converter ao modo de vida dos nativos, os brancos, por vezes, se misturavam à indiada e se transformavam em meio brancos, meio índios. João Brás, em 17 de agosto de 1591, acusou Pantalião Ribeiro de praticar gentilidades, mesmo sendo cristão e branco. Pantalião participava das entradas organizadas por Tamacaúna, pois sabia bem a "língua dos gentios mamelucos". Uma vez no interior, se "rebatizou"

19 cb. pp. 107-9.

20 MÉTRAUX, A. *Op. cit.* pp. 114-47.

ao modo dos gentios na Abusão da Santidade do Jaguaripe²¹. No processo inquisitorial contra Fernão Cabral Tafde encontram-se, igualmente, referências sobre uma possível "aculturação às avessas" de um poderoso senhor-de-engenho.

O réu abrigava em suas terras uma "Nova Jerusalém", onde os índios da Santidade construíram sua igreja e realizavam os cultos. Fernão Cabral foi visto tirando o chapéu diante do ídolo em sinal de reverência, procedimentos que escandalizaram os colonos que perante o inquisidor denunciaram-no 39 vezes. Em muitas ocasiões, o réu levava os amigos até as aldeias dos índios da Santidade "com a condição que não rissem nem fizessem escárnio, nem zombassem dos ditos gentios, nem ídolos, e que o reverenciassem senão que não fossem lá..."²². Contudo, as denúncias e confissões contidas no processo não permitem distinguir os limites entre a verdadeira conversão do senhor de Jaguaripe e o interesse de reunir em suas terras uma substancial reserva de mão-de-obra.

A lenda e história de Caramuru pode bem ser o primeiro caso de conversão do branco ao modo de vida do indígena. Diogo Álvares, contam alguns historiadores, chegou como náufrago à costa brasileira. Quando ainda estava na praia inconsciente, foi encontrado por uma nativa, filha de "um índio principal", que impediu os homens de sua tribo de matá-lo. Caramuru logo se enamorou da filha do chefe que, mais tarde, embarcou com o náufrago rumo à França. Chegando ao seu destino, a índia foi batizada e recebeu o nome cristão de Luiza Álvares, segundo Frei Vicente Salvador, e se casou com o companheiro. O casal não permaneceu muito tempo na Europa; retornou à Bahia, onde Caramuru armou uma cilada contra os estrangeiros, capaz de ganhar a confiança dos parentes da esposa. Diogo Alvarez, o Caramuru, proveniente de Viana, se estabeleceu na Bahia e deu origem a uma vasta prole de mamelucos. O mesmo também se tornou o principal ponto de apoio dos portugueses na região da baía de Todos os Santos. Francisco Pereira Coutinho, primeiro donatário da Capitania, contou com os seus serviços, apesar de pairar dúvidas sobre a lisura do vianense no episódio da morte do donatário. Os cronistas contam que Pereira Coutinho e Caramuru retornavam da região sul do recôncavo, na viagem de volta à Vila Velha, quando os nativos os alacaram. Mas pouparam Diogo devido à sua habilidade em se comunicar na "língua gentífica". O episódio permite desconfiar das intenções do náufrago, pois ele, como líder de boa parte dos indígenas da região, poderia perfeitamente ter planejado a investida do gentio a fim de aniquilar o poder do donatário.

21 ib. p. 351.

22 ANTT-Inquirição de Lisboa processo n. 17065 p 175-177.

Depois da Chegada de Tomé de Sousa e da fundação da cidade de Salvador, Caramuru tornou-se o principal fiador da paz com os silvícolas, executando serviços para o governador-geral. Os préstimos oferecidos ao Estado e Igreja transformaram o Caramuru em grande proprietário e detentor do título de fidalgo. Enfim, o enlace entre Caramuru e as índias da terra promoveu o grande prestígio do mesmo entre os nativos, sem contar com o episódio no qual Diogo Álvares traiu os franceses e impeliu os parentes da primeira esposa a dominar a embarcação estrangeira. O vianense permaneceu grande parte de sua existência junto aos nativos, compartilhando com os silvícolas de suas crenças e costumes. A dualidade cultural lhe possibilitou ser útil aos brancos, pacificando tribos hostis e reunindo mão-de-obra para os primeiros engenhos e plantações. Os serviços de Caramuru foram muito bem recompensados, pois sua linhagem tornou-se proprietária de muitos acres de terra em torno da baía de Todos os Santos²³.

Domingos Nobre Tamacaúna não era branco como Diogo Álvares, mas desempenhou a mesma função de intermediário entre portugueses e índios. Tamacaúna era mameluco, filho do pedreiro Miguel Fernandes e da "negra do gentio" Joana. Declarou, em confissão, que entre os 18 a 36 anos viveu alheio ao cristianismo, confessando na quaresma apenas por obrigação. No "dito tempo foi mais de gentio que de cristão porém nunca deixou a fé de Cristo e essa teve sempre no seu coração". A confissão de Domingos Nobre é um testemunho admirável da dualidade, ou maleabilidade cultural dos mamelucos. O confitente declarou ao Visitador que percorreu várias localidades no sertão à mando das autoridades coloniais. Em cada tribo visitada, o mestiço se adaptou aos costumes locais. No interior da Capitania de Porto Seguro, se pintou com jenipapo, usou cocar de penas, tangeu pandeiros e atabaques, cantou em língua gentílica. No sertão do Arago, permaneceu quatro ou cinco anos, teve duas mulheres ao modo gentílico, riscou as coxas, nádegas e braços com dente de paca. Tempos depois, voltou à Arago, à mando do governador Luís de Brito, a fim de "fazer descer o gentio para o povoado". Na oportunidade, casou com três índias, bebeu com os nativos "o seu fumo"; andava nu, chorava e lamentava "como eles ao seu uso gentílico". No sertão de Ilhéus passou quatorze meses, tingiu o corpo com urucum, teve sete mulheres, bebeu e bailou sob os tangeres e cantares do gentio²⁴.

23 CALMON, P. *História da Fundação da Bahia. Publicações do Museu do Estado da Bahia*, 1949. p. 23-32, 47-50, 89-90; SALVADOR, Frei V. *História do Brasil. 1500-1627 (1627)*. São Paulo: Edusp, 1982. p. 114; PINHO, W. *Aspectos da História Social do Salvador. 1549-1650. Bahia*, 1968, pp. 49-82.

24 ANTT - Inquirição de Lisboa processo n. 10776 passim.

Tamacaúna também percorreu o interior atrás da Abusão do Jaguaripe, mandado pelo governador Manuel Teles Barreto²⁵. O mameluco, mais uma vez, participou dos ritos e fez um pranto ao chefe da abusão. "Adorou o dito chamado Papa, e se ajoelhou diante dele dizendo estas palavras, adoro te bode porque hás de ser odre"²⁶. A frase proferida diante do sacerdote da "erronia" demonstra a ambigüidade característica do mameluco, pois se por um lado se pôs de joelhos e reverenciou o "Papa", por outro disse que o mesmo era bode e não tardaria a ser odre. Assim, de bode o xamã se transformaria em odre, que é um tipo de bolsa feita de couro caprino.

As confissões de Tamacaúna e de inúmeros outros mamelucos ouvidos pelos inquisidores são marcadas todo o tempo por essa dualidade. No sertão, comportam-se como silvícolas, guerreiros destemidos, homens valentes e incapazes de demonstrar o seu temor diante da tribo. Pelos feitos heróicos, Tamacaúna foi reconhecido como "principal", podendo se casar com várias mulheres. Em outras ocasiões, o mameluco fazia a vez de feiticeiro e derrubava a valentia de seus opositores. Na vila, no entanto, Domingos Nobre, e tantos outros mamelucos, assumia o seu lado europeu e afirmava aos inquisidores que nunca deixou de ter fé em Cristo e se arrependia da vida errante. Sobre a devoção do mameluco, Heitor Furtado de Mendonça escreveu: "o réu afirmou que sempre teve em seu coração a Sancta fé católica, e que quando se riscou per se mostrar valente em um perigo que receava de os gentios o matassem e fez todas as ditas coisas fingidamente sem ânimo de gentio mas por enganar aos ditos gentios, por lhe darem bom tratamento e também movido pelos interesses e proveitos temporais"²⁷.

Os mamelucos sentenciados pela Inquisição receberam penas leves, muitas vezes ouviram reprimendas e abjuraram perante a mesa do Visitador. Em outros casos, os mestiços saíram em um Auto-de-Fé realizado em Salvador, pois nenhum deles foram remetidos para Lisboa como tantos outros colonos. Os processos são sumários, destituídos de contraditas, de polêmicas. Enfim, os inquisidores não consideravam os mesmos como ameaças, apesar dos documentos conterem heresias duramente reprimidas na Europa. Nas sentenças proferidas por Heitor Furtado há casos de rebatismos, metamorfoses e vãos semelhantes aos das feiticeiras. No processo contra Simão Dias há uma passagem curiosa e indicativa de elementos próprios do Sabá: "na dita abusão faziam que eram zurrar, e uivar, como onças, e bradar, e dizer, como

25 CALASANS, J. *Op. cit.* explora a controvérsia existente sobre quem mandou Tamacaúna para o sertão atrás da Abusão do Jaguaripe. ver pp. 19-24.

26 *ib.* pp. 167-72.

27 ANTT - Inquisição de Lisboa processo n. 10776 p 76v-77.

linguagens que se não entendiam, e fez assim como eles faziam, e se Rebatizou ao modo da dita abusão, que era mudando o nome, e entre os ditos mantenedores da dita abusão vinha um principal por nome Temanduare, ao qual chamavão deus e seu Papa..."²⁸

O depoimento de Domingos Nobre e de tantos outros mamelucos também revelam o papel exercido pelo grupo na sociedade colonial. Os mestiços eram considerados cristãos, tendo a obrigação de respeitar os dogmas e as condutas próprias de um membro da Cristandade, perante os inquisidores confessaram, em inúmeras ocasiões, a sua devoção à Santa Fé Católica²⁹. Porém, as mesmas autoridades que controlavam os corpos e as almas dos mamelucos exigiam deles uma conduta ambígua. Nas terras colonizadas, deveriam ser cristãos exemplares, caso contrário o vigário e mesmo o Santo Ofício poderiam puni-los; enquanto no sertão, no seio da mata, no "habitat" dos "indígenas hostis" exerciam a função de intermediários, ganhando a confiança do gentio das mais diversas maneiras. Os mamelucos se tornaram então, os elementos mais distantes das fronteiras da Cristandade, declaradamente pagãos, mas nem por isto o Santo Ofício castigou-os de modo exemplar. Na verdade, os inquisidores conceberam-nos como gentios, indivíduos capazes de se tornarem bons cristãos, além de perceberem a existência de uma coerção social que os impelia para uma vida desregrada e alheia ao cristianismo.

ABSTRACT: During the first years of Portuguese colonization in Brazil, the *mamelucos* – individual born of white/indian marriages – helped the Portuguese capture indian slave labor for the colonial enterprises. In order to convince the indians to go to the Portuguese estates, they lived, when in the hinterland, as the indians did: painting their bodies, having many women and participating in anthropophagical rituals. When in the villages, however, the *mamelucos* lived as Christians. Their specific cultural traits is the theme of this paper.

KEY-WORDS: *mamelucos*, jesuits, Christians, colonization, indians.

28 ANTT – Inquisição de Lisboa processo n. 13090 p 30v-31.

29 Entre os muitos processos cito: ANTT – Inquisição de Lisboa proc. n. 11036, 11072, 11068 e 11635.